

Ensino e Aprendizagem como Unidade Dialética 4

Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)



Atena
Editora
Ano 2019

Ensino e Aprendizagem como Unidade Dialética 4

Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)



2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Chefe: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Geraldo Alves
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof^a Dr^a Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof^a Dr^a Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof^a Dr^a Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof^a Dr^a Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof^a Dr^a Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
E59	Ensino e aprendizagem como unidade dialética 4 [recurso eletrônico] / Organizador Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Ensino e Aprendizagem Como Unidade Dialética; v. 4) Formato: PDF Requisitos de sistemas: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-810-6 DOI 10.22533/at.ed.106192211 1. Aprendizagem. 2. Educação. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza. II. Série. CDD 370
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O presente livro apresenta artigos fundamentada num estudo teórico sobre a identificação das condições e circunstâncias que possibilitam a integração das ações de ensino e aprendizagem no contexto escolar. Torna-se necessário, portanto, explicitar em termos gerais como e de que forma o homem, como ser genérico, por meio das relações sociais, apropria-se do conhecimento, cria novas possibilidades de transformação da sua própria constituição e da sociedade. Considerar a dimensão ontológica da constituição do ser humano, que se estabelece por meio da atividade educativa, vincula-se ao conceito de práxis. Tal conceituação, segundo Vázquez (1977, p. 3), deve ser entendida “como atividade material do homem que transforma o mundo natural e social para fazer dele um mundo humano”. Na relação entre o ensino e a aprendizagem, como instrumento e produto da atividade educativa em geral, concebe-se, a partir do referencial teórico do materialismo histórico-dialético, da psicologia histórico-cultural e da teoria da atividade, a existência de atividades humanas particulares. Uma dessas atividades, segundo Moura (1996), é a atividade de ensino que tem a função particular de organizar ações que possibilitem aos sujeitos o acesso aos conhecimentos elaborados sócio historicamente. Ao explicitar o objeto da educação, Saviani (2011) indica que é preciso levar em conta os elementos culturais que precisam ser apropriados para que os sujeitos se humanizem e, de maneira articulada, as formas de ensino mais adequadas para este fim. Os elementos culturais (traduzidos na escola pelos conteúdos das diferentes áreas de conhecimento) precisam atender à dimensão de totalidade, tanto quanto precisam ter em vista o movimento e contradição presentes na realidade concreta, sendo estas três categorias basilares ao método materialista histórico-dialético do qual a pedagogia histórico-crítica erige. O que procuramos chamar atenção é, portanto, que a didática histórico-crítica não pode estar descolada de seus fundamentos e assim, não pode ser pensada de modo lógico-formal, que compartimentaliza e segmenta a compreensão dos fenômenos em geral e, particularmente aqui em foco, o trabalho didático. Constituição de consciência deve ser considerada objeto central das ações pedagógicas na escola, pois, para que seja possível obter a unidade entre as ações de ensino e aprendizagem, tanto o professor quanto o estudante devem ser conscientes do seu lugar social e de suas funções ontológicas.

Leontiev (1983), ao se referir ao sentido do estudo para a criança que compreende a necessidade e os motivos reais do mesmo, afirma que “[...] o sentido que adquire para a criança o objeto de suas ações didáticas, o objeto de seu estudo, é determinado pelos motivos de sua atividade didática. Este sentido também caracteriza a *aprendizagem consciente* de conhecimentos pela criança” (p. 246). No entanto, o autor considera não ser suficiente a apropriação da significação do objeto de estudo; é necessário educar o estudante para que ele perceba a “reprodução” do objeto de estudo numa “relação adequada” a respeito do que é estudado; tal relação pode ser

possibilitada por situações em que o estudante se aproprie das relações presentes no processo de elaboração do próprio conhecimento. De acordo com Leontiev (1983, p. 246), “somente assim se satisfaz essa condição [aprendizagem consciente], os conhecimentos adquiridos se converterão para ele [o estudante] em conhecimentos vivos, serão ‘órgãos de sua individualidade’ genuínos e, em seu tempo, determinarão sua relação a respeito do mundo”.

A aprendizagem consciente requer que as ações dos estudantes sejam mobilizadas pela relação entre o significado e o sentido da atividade de aprendizagem, além da necessidade de considerar as relações internas e externas presentes na elaboração do objeto de estudo. Deve-se considerar os nexos internos do conceito elaborados ao longo da historicidade do mesmo, assim como se deve levar em conta as conexões que o mesmo tem com as relações humanas em geral. Afirma-se que é a partir deste processo de apropriação das elaborações humanas constituídas sócio historicamente - os conceitos - que se torna possível a transformação da constituição objetiva e subjetiva dos indivíduos, crianças e estudantes em geral.

A organização do ensino que possibilite a criação de condições adequadas para que ocorra a aprendizagem consciente por parte dos estudantes é preponderante para que a finalidade da atividade pedagógica se objetive no processo de ensino e aprendizagem. A objetivação da relação entre o motivo e o objetivo da atividade pedagógica por meio das ações e operações realizadas pelo educador e pelo estudante é identificada, segundo os diversos autores do enfoque histórico-cultural, como a atividade orientada para o ensino e a aprendizagem.

Forma a possibilitar que a unidade contraditória entre as especificidades do ensino e da aprendizagem ocorram: por um lado, o ensino desenvolvido pelo professor, responsável por elencar, selecionar e categorizar diferentes tipos de conhecimento que precisam ser convertidos em saber escolar, reconhecer sua importância para a formação humana, bem como planejar e acionar as formas mais adequadas de sua transmissão. De outro lado, a aprendizagem realizada pelo aluno que, ao se apropriar do saber elaborado, poderá ter – dentre as várias facetas de seu processo formativo – o desenvolvimento de ferramentas de pensamento (complexas funções psíquicas superiores) as quais viabilizem a captação subjetiva desta realidade objetiva na sua máxima fidedignidade.

A atuação prática material do sujeito, executada de forma consciente sobre a realidade natural ou humana, transformando-a, é identificada por Vázquez (1977) como práxis. Assim, o produto dessa atividade prática deve ser objetivado materialmente na constituição da nova realidade. A partir de tais considerações, concebe-se que a práxis é uma atividade humana consciente que se diferencia da atuação prática desvinculada de uma finalidade e apresenta um produto final que se objetiva materialmente. Trata-se de uma atividade orientada por um fim que, segundo Vázquez (1977), ocorre em dois níveis, ou seja, “essa atividade implica na intervenção da consciência, graças à qual o resultado existe duas vezes – e em tempos diferentes –: como resultado ideal

e como produto real” (Vázquez, 1977, p. 187). A extensão e o significado da categoria de práxis relacionados ao trabalho são explicitados por Jaroszewski (1980) ao identificar os elementos que constituem a estrutura do processo do trabalho humano como o contato material do homem com a natureza, as atividades orientadas e as qualificações práticas e os conhecimentos utilizados no curso da produção. O autor afirma que o resultado final desse processo “[...] é a criação dum novo ‘produto’- quer dizer, dum objeto transformado pela atividade humana indispensável para satisfazer as necessidades do homem” (Jaroszewski, 1980, p. 9).

Os educadores também se educam durante a atividade pedagógica. Esse pressuposto tem como fundamento o lugar social do educador, que lhe atribui as funções de organizar o ensino, definir conteúdos e criar situações desencadeadoras da atividade de aprendizagem a serem realizadas pelos estudantes. Nesse processo coletivo de estudo e devido às mediações que promove, o próprio educador também é educado. Concebe-se, portanto, que, além dos conhecimentos que o educador deva ter apropriado acerca dos fundamentos teórico-metodológicos que definem as ações, os quais proporcionam transformações no psiquismo dos estudantes, e além dos conhecimentos que necessariamente precisa ter para ensinar os conteúdos escolares, o educador também se forme no movimento de organização do ensino. Por meio do processo reflexivo de elaboração da organização das ações orientadas para o ensino e a aprendizagem dos conteúdos escolares, o educador transforma-se, modifique-se, em virtude da necessidade de definir ações e operações na atividade pedagógica que possibilitem a concretização da aprendizagem por parte dos estudantes.

Concordamos à proposição de Duarte (2013, p. 246-247), ao sublinhar que “[...] quando a escola ensina de fato, quando ela consegue fazer com que os alunos aprendam os conteúdos em suas formas mais ricas e desenvolvidas, ela se posiciona a favor do socialismo, mesmo que seus agentes não tenham consciência disso. ” O ponto fulcral da didática histórico crítica é, portanto, o comprometimento com o ensino de qualidade, com a aprendizagem efetiva e com o enraizamento pedagógico alicerçado, consolidado, engajado e comprometido com a formação da classe trabalhadora, tendo neste ideal alfa e ômega da pedagogia histórico crítica.

No caso do educador, o sentido pessoal de sua atividade torna-se correspondente ao significado social de sua ação no movimento de formação profissional, no que se refere à formação inicial e à formação em exercício. É no processo de formação, ao assumir a posição de estudante, que o educador se apropria dos conteúdos da sua atividade principal, a atividade orientada para o ensino e aprendizagem dos conteúdos escolares. A constituição da consciência do lugar social do educador é desenvolvida na coletividade, no processo de integração a uma classe produtiva que tem finalidades instituídas na sociedade letrada.

A aprendizagem consciente requer que as ações dos estudantes sejam mobilizadas pela relação entre o significado e o sentido da atividade de aprendizagem, além da necessidade de considerar as relações internas e externas presentes na

elaboração do objeto de estudo. Deve-se considerar os nexos internos do conceito elaborados ao longo da historicidade do mesmo, assim como se deve levar em conta as conexões que o mesmo tem com as relações humanas em geral. Afirma-se que é a partir deste processo de apropriação das elaborações humanas constituídas sócio historicamente - os conceitos - que se torna possível a transformação da constituição objetiva e subjetiva dos indivíduos, crianças e estudantes em geral. A organização do ensino que possibilite a criação de condições adequadas para que ocorra a aprendizagem consciente por parte dos estudantes é preponderante para que a finalidade da atividade pedagógica se objetive no processo de ensino e aprendizagem. A objetivação da relação entre o motivo e o objetivo da atividade pedagógica por meio das ações e operações realizadas pelo educador e pelo estudante é identificada, segundo os diversos autores do enfoque histórico-cultural, como a atividade orientada para o ensino e a aprendizagem.

Criar um novo espaço de luta pela formação integral do aluno, por meio da qual possa perceber as contradições históricas que geraram o conhecimento aprendido, bem como sua vinculação com o contexto histórico, de forma a buscar transformações na vida particular e na práxis social. Neste contexto, a compreensão teórico-metodológica da mediação dialético-pedagógica permite ao professor compreender a dimensão ontológica da aula como práxis educativa, entendendo-a como sua produção, algo que não lhe é estranho. Isto fortalece o professor no enfrentamento das condições impostas à Educação Escolar pelo capital, por meio de sua própria práxis educativa, ou seja, da aula como ato humano e consciente na luta pela emancipação humana.

Solange Aparecida de Souza Monteiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
CHEMISTRY WIZARD: APRENDENDO ATRAVÉS DA EXPERIMENTAÇÃO	
Maria Tereza Fabbro Luís Presley Serejo dos Santos Silvana Rodrigues Fabiana Cristina Corrêa Rodrigues Rita de Cássia Alves da Silva David Alexandro Graves Jéssica Paola da Silva Fernandes	
DOI 10.22533/at.ed.1061922111	
CAPÍTULO 2	9
ENSINO DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA: O QUE DIZEM AS PESQUISAS	
Willyan da Silva Caetano João Augusto Grecco Pelloso Lucival Bento Paulino Filho Maise Rodrigues Sá Giacomeli Claudio Zarate Sanavria Anderson Martins Corrêa	
DOI 10.22533/at.ed.1061922112	
CAPÍTULO 3	18
FORMAÇÃO DE CONCEITOS CIENTÍFICOS A PARTIR DO JOGO DIDÁTICO	
Adana Teixeira Gonzaga Caroline Barroncas de Oliveira Priscila Eduarda Dessimoni Morhy	
DOI 10.22533/at.ed.1061922113	
CAPÍTULO 4	27
CIÊNCIA CIDADÃ: TRABALHO VOLUNTÁRIO COMO FONTE DE APRENDIZADO E MOTIVAÇÃO	
Gislaine Aparecida Barana Delbianco Laís Barana Delbianco	
DOI 10.22533/at.ed.1061922114	
CAPÍTULO 5	34
FUNÇÃO DE 1º GRAU: UM ENCONTRO COM A NUTRIÇÃO	
Ivete Regina Vieira Torres Amanda José Pereira do Nascimento	
DOI 10.22533/at.ed.1061922115	
CAPÍTULO 6	41
DESIGN THINKING AN ANTHROPOLOGICAL "PLACE" IN THE UNIVERSITY CLASSROOM	
Paulo Sergio de Sena Messias Borges Silva	
DOI 10.22533/at.ed.1061922116	

CAPÍTULO 7	54
INCENTIVO À FORMAÇÃO DOCENTE NAS ESCOLAS TÉCNICAS: AS METODOLOGIAS ATIVAS EM FOCO	
Ana Paula Haiek Martinez Thiago Pedro de Abreu	
DOI 10.22533/at.ed.1061922117	
CAPÍTULO 8	62
A DIVERSIDADE EM LIVROS DIDÁTICOS DE CIÊNCIAS: ANÁLISE SEMIÓTICA DE IMAGENS PARADAS	
Katiane Pompermayer Natália Lima Lira Maristela Rosso Walker	
DOI 10.22533/at.ed.1061922118	
CAPÍTULO 9	73
O ENSINO DO CANTO PARA CRIANÇAS: OLHARES E PERSPECTIVAS	
Bruna Alves de Araujo Vivianne Aparecida Lopes	
DOI 10.22533/at.ed.1061922119	
CAPÍTULO 10	84
HISTÓRIA EM QUADRINHOS DIGITAL: EXPERIÊNCIAS EXITOSAS DE SEU USO NO ENSINO E NA APRENDIZAGEM MATEMÁTICA	
Nahara Morais Leite Abigail Fregni Lins	
DOI 10.22533/at.ed.10619221110	
CAPÍTULO 11	96
O GÊNERO TEXTUAL MAPA MENTAL, COMO INSTRUMENTO DE APRENDIZAGEM E AVALIAÇÃO, EM AULAS DE LITERATURA	
Kathia Alexandra Lara Canizares	
DOI 10.22533/at.ed.10619221111	
CAPÍTULO 12	103
MODELAGEM MATEMÁTICA: UMA PROPOSTA DIDÁTICA UTILIZANDO GARRAFAS PET NO ESTUDO DA GEOMETRIA	
Danielly Barbosa de Sousa Eliane Farias Ananias	
DOI 10.22533/at.ed.10619221112	
CAPÍTULO 13	115
POLITECNIA E ENSINO MÉDIO INTEGRADO: PERSPECTIVAS EDUCACIONAIS	
João Augusto Grecco Pelloso Willyan da Silva Caetano Maise Rodrigues Sá Giacomeli Anderson Martins Corrêa Claudio Zarate Sanavria	
DOI 10.22533/at.ed.10619221113	

CAPÍTULO 14	124
O TECNÓLOGO E AS COMPETÊNCIAS PARA O SÉCULO XXI	
Sergio Pamboukian Roberto Kanaane	
DOI 10.22533/at.ed.10619221114	
CAPÍTULO 15	131
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS APLICADAS EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL: APOIO TECNOLÓGICO DA FATEC TATUÍ À ALUNOS DA ESCOLA ESTADUAL BARÃO DE SURUÍ	
Maria do Carmo Vara Lopes Orsi José Carlos Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.10619221115	
CAPÍTULO 16	139
UM ESTUDO SOBRE A RELAÇÃO COM O SABER NO SETOR PRIVADO: ESTUDANTES DE MEDICINA, QUEM SÃO?	
Karina Sales Vieira Bernard Charlot Veleida Anahi da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.10619221116	
CAPÍTULO 17	151
PROJETO “ADMINISTRAÇÃO EM AÇÃO”: TRANSDISCIPLINARIDADE, PROTAGONISMO DISCENTE E INTEGRAÇÃO COM A COMUNIDADE	
Rafael de Andrade Fernandes	
DOI 10.22533/at.ed.10619221117	
CAPÍTULO 18	157
UMA REFLEXÃO SOBRE O ENSINO DE MATEMÁTICA PARA ALUNOS DO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL ATENDIDOS NA SALA DE RECURSOS MULTIFUNCIONAL	
Graciela Siegloch Lins Marcos Lübeck	
DOI 10.22533/at.ed.10619221118	
CAPÍTULO 19	166
UMA REVISÃO SOBRE FERRAMENTAS DIGITAIS PARA APRENDIZAGEM COLABORATIVA	
Leonardo de Andrade Carneiro Humberto Xavier de Araújo David Nadler Prata Gentil Veloso Barbosa	
DOI 10.22533/at.ed.10619221119	

CAPÍTULO 20	178
O CONHECIMENTO CIENTÍFICO COMO BASE PARA A CRIATIVIDADE DOS ESTUDANTES NA PRODUÇÃO DE EXPERIMENTOS DIDÁTICOS	
Fabio Pinto de Arruda	
DOI 10.22533/at.ed.10619221120	
SOBRE A ORGANIZADORA.....	187
ÍNDICE REMISSIVO	188

UM ESTUDO SOBRE A RELAÇÃO COM O SABER NO SETOR PRIVADO: ESTUDANTES DE MEDICINA, QUEM SÃO?

Karina Sales Vieira

Universidade: Federal de Sergipe (PPGED)

São Cristóvão, Sergipe

Bernard Charlot

Universidade: Federal de Sergipe (PPGED)

São Cristóvão, Sergipe

Veleida Anahi da Silva

Universidade: Federal de Sergipe (PPGED)

São Cristóvão, Sergipe

RESUMO: Este artigo apresenta reflexões sobre o perfil geral dos estudantes de Medicina objeto de uma pesquisa de doutorado em Educação, ainda em andamento, que busca analisar a Relação com o Saber dos estudantes de Medicina de uma universidade particular. Os estudantes que compõem os sujeitos da análise dessa pesquisa totalizam 209 estudantes, os quais cursam medicina em uma instituição de ensino superior privado localizada na cidade de Jacobina (BA). Nessa perspectiva, neste artigo apresentar-se-á o perfil geral desses acadêmicos, resultado dos dados obtidos a partir da análise de documentação preenchida por eles no ato da matrícula. A pesquisa, sustenta-se em uma investigação qualitativa, com amparo nos trabalhos de Bernard Charlot e Alain Coulon. O estudo apontou um perfil de estudantes jovens, oriundos de camadas sociais mais privilegiadas, que chegam à universidade

não por ultrapassar a escolaridade dos pais, mas por ser essa a trajetória comum na família.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino Superior privado. Estudante de Medicina. Relação com o saber.

A STUDY ON THE RELATIONSHIP WITH KNOWLEDGE IN THE PRIVATE SECTOR: MEDICAL STUDENTS, WHO ARE THEY?

ABSTRACT: This article presents reflections on the general profile of medical students who are the object of a doctoral research in Education, still in progress, that seeks to analyze the relation with the knowledge of the medical students of a private university. The students that compose the subjects of the analysis of this research total 209 students, who study medicine in a private higher education institution located in the city of Jacobina (BA). In this perspective, this article will present the general profile of these academics, a result of the data obtained from the analysis of documentation completed by them at the time of enrollment. The research is based on a qualitative investigation, with support in the works of Bernard Charlot and Alain Coulon. The study pointed to a profile of young students, from the more privileged social strata, who come to the university not to exceed the schooling of the parents, but because this is the common trajectory in the family.

KEYWORDS: Private Higher Education.

1 | INTRODUÇÃO

O homem é um ser cuja ausência de si mesmo se revela em desejo e necessidade: de transformar e se transformar, de criar, recriar e de se recriar continuamente como ser humano, para isso precisa da educação para orientá-lo no processo de sua existência, pois o homem, filho do homem, é um ser incompleto, inacabado, inconcluso, não é definido por instintos, mas define-se ao longo de sua história e na relação com outros humanos que vivem em mundo já estruturado. Nessa perspectiva, o processo de aprendizagem é o modo como os seres humanos apropriam-se de novos saberes, dominam novas atividades e novas formas de relação, desenvolvem competências e mudam o comportamento. Aprender é, portanto, exercer uma atividade em um local, em um momento da sua história e em condições diversas de tempo, com a ajuda de pessoas. Logo, o ser humano nasce potencialmente inclinado a aprender, necessitando ser mobilizado e motivado para o aprendizado.

A mobilização refere-se a uma ação interna, vem de dentro do indivíduo, algo o projeta, o faz querer. A motivação, por outro lado é externa, alguém o estimula, o encoraja a algo, no entanto pouco se pode fazer pelo outro que nada quer. Ambos os impulsos são fundamentais para a relação que se terá com o saber, pois ninguém aprende se não desejar aprender. No entanto, cada sujeito aprende a seu modo.

Partindo desse pressuposto, podemos considerar que a aprendizagem efetiva envolve três dimensões: epistêmica, social e identitária. Por esse ângulo, na condição de filho do homem, o ser humano é obrigado a aprender para saber, e toda relação com o saber é também relação com os outros e consigo próprio. Essa relação com o saber difere entre os níveis de ensino, origem social, entre os próprios sujeitos, bem como entre as especificidades do saber. Assim, a relação com o saber na educação básica é diferente da construída no ensino superior, bem como entre os cursos disponibilizados nas universidades, do mesmo modo que é diferenciada para estudantes oriundos de classes sociais distintas.

Vê-se que a trajetória de estudantes pertencentes a classes sociais é diferenciada, seria oportuno questionar se esse fato torna também diferente a relação que eles mantêm com o saber acadêmico. Qual o sentido que estudantes de classe alta atribuem a este saber, considerando ser a entrada na universidade um evento corriqueiro na família? Quais as aprendizagens que para eles são mais importantes? O que na experiência universitária teria mais significado? Qual a relação epistêmica, social e mesmo identitária? Essas inquietações projetadas para estudantes de Medicina cuja profissional tem sido durante muito tempo destinada aos filhos de uma elite, fazem-nos pensar sobre o sentido do saber médico que por eles é conferido, o que os mobilizaram na escolha do curso.

Na medicina também se aprende com simulações e fatos reais, aprende-se a fazer a anamnese, o exame clínico, aprende-se as técnicas de comunicação com os doentes, por isso na Medicina há numerosas formas de aprender o que implica desenvolver no estudante a capacidade de mobilizar conhecimentos, habilidades e atitudes para lidar com situações, problemas e dilemas da vida real, e sua certificação expressa legitimação social de pessoas que passam a ser reconhecidas como capazes de atuar na carreira médica, e a elas são exigidas a cura das enfermidades. Partindo desse contexto, quem são esses estudantes, os quais serão futuramente profissionais que atuarão na relação saúde-doença, que estarão cuidando de mim, de você, de cada um que faz parte da sociedade?

Desse contexto emerge a questão da relação com o saber desses estudantes na condição de universitários de medicina. Referimo-nos aqui àqueles da Faculdade AGES de Medicina, situada na cidade de Jacobina (BA) para os quais foi traçado o perfil geral.

Nessa corporatura, a pesquisa investida no doutorado organiza-se dentro de uma investigação qualitativa, inspirada numa abordagem fenomenológica formulada por Edmund Husserl (2014), apropriada para quando se deseja pesquisar o sentido que os sujeitos atribuem a determinado fenômeno (MERLEAU-PONTY, 2011). O fenômeno, por sua vez, “pode ser tudo aquilo de que podemos ter consciência, de qualquer modo que seja” (URBANO, 1996 apud BUENO, 2003, p. 18). Nessa perspectiva, a fenomenologia designa uma ciência, e acima de tudo, um método e uma atitude intelectual (HUSSERL, 2014). O método fenomenológico parte assim, da descrição concreta dos conteúdos da consciência ‘em situação’, do ‘que se passa’ efetivamente do ponto de vista daquele que vive tal ou qual situação concreta (BRUYNE et al., s.a. apud BAQUERO, 1995).

Nessa configuração, a pesquisa ocorreu com 209 estudantes de Medicina, sobre os quais foi analisado o documento por eles preenchido no ato da matrícula. No documento consta nome dos pais, nome completo dos estudantes seguidos de tipo de matrícula, idade, etnia, sexo, escola de educação básica, nome do estabelecimento, escolaridade, situação ocupacional, cidade de origem.

Pelo exposto, e por considerar a carência de estudos sobre a relação com o saber de estudantes provenientes de classe social alta, sobretudo, dos estudantes de Medicina, especialmente de instituição privada de ensino superior, pelas interrogações e reticências advindas desse cenário, principalmente do contexto da Faculdade AGES de Medicina, ao perceber a sua recente implantação na cidade de Jacobina (BA), o perfil social dos estudantes participantes da seleção, bem como da relação estudo e custeio, nasceu o interesse em pesquisá-los, especialmente após a minha experiência enquanto avaliadora do processo seletivo aberto por essa Faculdade para o curso de Medicina em 2017. Por todo o exposto, este projeto de doutorado apresenta como questão central: qual a Relação com o Saber dos estudantes de Medicina de uma universidade particular?

A Faculdade AGES de Medicina, campo em que se está desenvolvendo a pesquisa, localiza-se na cidade Jacobina (BA). Ela é uma cidade brasileira do estado da Bahia, situada a aproximadamente 338km de Salvador. Suas origens datam de 1722, quando fora promovida à categoria de vila. Somente em 1980, pela Lei Provincial nº 2.049 é elevada à condição de cidade (Informações mais detalhadas disponíveis: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/jacobina/historico> Acesso em 16 de junho de 2019). Sua povoação tem início em torno do século XVII, em razão da descoberta de minas de ouro, notícia que se espalhou atraindo pessoas de diversos lugares, mesmo longínquos. Nessa mesma época, iniciaram-se atividades suplementares de criação de gado e de culturas agrícolas essenciais. O curso de Medicina na instituição é de Educação Integral:

[...] cujo o foco é o desenvolvimento humano, cidadania ativa, ética, humanização, desenvolvimento da região e **promoção do bem-estar coletivo**. Nesse sentido, utiliza critérios da interdisciplinaridade, contextualização da informação e de experiências prévias do acadêmico, apoiadas no professor como mediador do processo, levando-se em conta as questões sociais da saúde, com ênfase no Sistema Único de Saúde (SUS) (grifo do autor) (Informação disponível no link: <https://www.faculdadeages.com.br/medicina/jacobina/o-curso/> Acesso em 16 de junho de 2019)

Partindo desse contexto, a questão da relação com o saber é condição importante na construção do sucesso acadêmico e mantém afinidade com o perfil geral dos estudantes. Portanto, a questão que intitula o texto procura expressar a imbricação entre a representação dos estudantes da Faculdade AGES de Medicina e suas maneiras de se relacionar com o saber universitário.

2 | A RELAÇÃO COM O SABER NO ENSINO SUPERIOR

A Relação com o Saber é, na concepção de Charlot (2000), um conjunto de relações que o sujeito estabelece com o aprender, relações múltiplas, circunstanciais e, por vezes, contraditórias. Assim, propõe a compreensão do sujeito, como sendo inteiro e simultaneamente humano, social e singular. Por isso, nessa teoria, não há igualdade entre os sujeitos quanto o acesso ao saber. Cada ser é único, ímpar, e por isso cada sujeito tem uma relação com o saber que lhe é peculiar. Portanto, as pesquisas de Charlot e da equipe ESCOL (Educação, Socialização e Coletividades Locais) sobre a relação com o saber buscam compreender como o sujeito categoriza, organiza seu mundo, como ele dá sentido à sua experiência e especialmente à sua experiência escolar [...], como o sujeito apreende o mundo e, com isso, como se constrói e transforma a si próprio” (CHARLOT, 2005, p. 41).

Reportando-se a esta pesquisa, qual o sentido que os estudantes de medicina atribuem ao saber médico? Seria um sentido mais humanizado? De acordo, com Gonzalez e Branco (2003), é importante que na formação e na profissão médica o Ser

doente seja conhecido como pessoa, antes mesmo de conhecer sua doença, pois segundo Balint (1975 apud GONZALEZ; BRANCO, 2003, p.23):

o homem, em suas relações com o mundo e diante de situações emocionais conflituosas, acaba por 'organizar' o seu processo do adoecer, de forma que procura o médico e 'oferece-lhe' sua doença, muitas vezes para, com seus sintomas, poder, durante esse encontro, dizer de suas dores pessoais.

A relação com o saber é também esse encontro com o outro, com o mundo e consigo mesmo. São nos encontros que vamos construindo uma relação com o saber, que vamos aprendendo a ser, a viver, a conviver, aprendendo até mesmo uma profissão. Essa é a condição humana do sujeito: obrigado à necessidade de aprender. O homem está assim condicionado a essa obrigação para construir-se, tornar-se homem e apropriar-se de uma parte do mundo. Esses processos envolvem humanizar-se, singularizar-se e socializar-se, para tornar-se membro da espécie humana, ter uma história que é única, e fazer-se membro de uma sociedade (CHARLOT, 2000).

Relacionar-se com o saber é antes de tudo uma conexão, um vínculo, um encontrar-se também com o mundo, um objeto, um “conteúdo de pensamento”, uma atividade intelectual ou até mesmo esportiva, uma relação interpessoal, um lugar, uma pessoa, uma situação, enfim, relações ligadas de certa maneira com o aprender e o saber; e, por isso mesmo, é também relação com a linguagem, com o tempo, com a ação no mundo e sobre o mundo, relação com os outros e consigo mesmo enquanto mais ou menos capaz de aprender tal coisa, tal saber, em uma dada situação. Significa que não se pode ter acesso a um saber, se ao mesmo tempo, o sujeito não entrar nas relações que supõem este saber (CHARLOT, 2001).

Essas questões nos fazem reportar a Martins (1992 apud GONZALEZ; BRANCO, 2003), quando ressalta que o ato educacional se realiza ao estabelecer relação entre o mundo que se mostra e suas relações com o mundo vivido. Em relação aos estudantes de medicina, comumente, é no terceiro ano do curso que ele é de fato inserido no mundo médico: o encontro com a pessoa. Esse encontro pode dar-se por exemplo a partir da disciplina de Semiologia que os leva a aprender a fazer a anamnese e o exame clínico por exemplo. Esse é o momento em que o aluno se confronta com o seu desejo: ser médico, e inicia o processo de conhecimento do doente e de si mesmo. O estudante então é convidado a mudar seu olhar diante do mundo (GONZALEZ; BRANCO, 2003).

Nessa perspectiva, quando o sujeito aprende no seio de um estabelecimento de ensino, ele só poderá ser bom estudante quando se adaptar à relação com o saber definida pela instituição (CHARLOT, 2001), considerando que o sujeito pertence a várias instituições (família, escola...), as relações estabelecidas em cada uma delas serão diferentes. A essa relação estão implicadas três dimensões: epistêmica, identitária e social, para as quais é salutar fazer uma distinção.

A primeira dimensão evidencia o movimento do aprender como um apropriar-

se de um saber colocado como objeto através da linguagem, sem referência às atividades necessárias para a constituição desse saber-objeto. Assim, “aprender é uma atividade de apropriação de um saber que não se possui, mas cuja existência é depositada em objetos, locais, pessoas”(CHARLOT, 2000, p.68); outra situação evidencia que o aprender significa capacitar-se a usar um objeto, tornar-se capaz de dominar uma operação (material ou simbólica), “é o domínio de uma atividade “engajada” no mundo (CHARLOT, 2000, p.69); outra ideia elucida o aprender como uma atividade em sua dimensão prática e não apenas teórica: aprender a nadar é diferente de aprender a natação, assim como aprender as regras de trânsito e conhecer a “anatomia de um carro” não garante que se vá aprender a dirigir. Por fim, a última percepção ilustra no terreno do aprender, o domínio de uma relação e não mais de uma atividade. Aprender é adotar uma posição reflexiva. Aprender a ser solidário, responsável, paciente, amoroso... (CHARLOT, 2000).

A dimensão identitária faz referência ao sujeito singular, enquanto único, original. Faz referência a um sujeito portador de uma história inscrita no mundo. “Aprender faz sentido por referência à história do sujeito, às suas expectativas, às suas referências, à sua concepção da vida, suas relações com os outros, à imagem que tem de si e à que se quer dar de si aos outros” (CHARLOT, 2000, p.72). Por isso, toda relação com o saber é relação consigo mesmo, pois se tem nesse processo a construção de si.

A dimensão social não está separada das outras dimensões vindo a acrescentar, mas para contribuir, como ressalva o próprio autor. Pois não há um sujeito que não esteja no mundo, no convívio das pessoas: somos singulares, mas também sociais. A questão levantada pelo autor nessa dimensão é a do aprender enquanto apropriação do mundo, e não apenas reduzir o acesso a tal ou qual posição no mundo. “Para compreender a relação de um indivíduo com o saber, deve-se levar em consideração sua origem social, mas também a evolução do mercado de trabalho, do sistema escolar, das formas culturais, etc.” (CHARLOT, 2000, p.23).

Como essas dimensões são construídas entre os estudantes de medicina? O que aprendem? Como aprendem? Aquilo que aprendem modificam seu olhar sobre o mundo? Transformam-se numa perspectiva identitária? Qual a cultura e a posição social que eles ocupam? Quais situações são vivenciadas em conjunto? Quais relações são construídas na trajetória de formação médica? Essas inquietações nos remetem a Gonzalez e Branco (2003) quando citam Tähkä (1986), evidenciando que no processo de formação médica, quando os alunos são convidados a vivenciar o encontro real com pacientes, eles se veem diante de situações tanto de conflito quanto de ansiedade. Esse encontro o faz tomar consciência não só do doente em si, mas também de si mesmo e do Ser no mundo, o que causa dor e sofrimento. O estudante de medicina, segundo Gonzalez e Branco (2003), em sua maioria, tem uma vivência extremamente penosa ao se colocar diante do doente vivo, humano.

Nota-se que a relação com o saber na Medicina parece ser diferente das que são construídas em outros cursos, em razão de que esses são constantemente

confrontados não apenas por livros, artigos, teses, dissertações, mas por situações conflituosas que geram medo, ansiedade. É o encontro de si com o outro, um outro enfermo. Por tudo isso, para entender a relação com o saber dos estudantes de Medicina, temos de ler o mundo com a lógica dos outros, com os olhares dos outros, para só assim compreender como se constrói a experiência e o mundo dos outros (CHARLOT, 2013). Para Gonzalez e Branco (2003, p.73), os estudantes de medicina devem não só ver o outro, mas enxergá-lo em sua plenitude, de tal maneira que percebam que “em cada leito hospitalar, deita-se um Ser humano possuidor de intencionalidades, historicidade, sofrimentos, alegrias, esperanças e de sua própria doença”.

Desse modo, analisar a relação com o saber de um sujeito é entender as relações sociais, identitárias e epistêmicas desse sujeito imerso no processo de aprender. É compreender que toda relação com o saber é também relação consigo, com o outro e com o mundo. E o sentido e o valor de um saber, bem como a mobilização do sujeito neste processo de aprender são indissociáveis dessas relações.

3 | ACHADOS DA PESQUISA

O ingresso em uma universidade impõe ao estudante mudanças radicais em sua rotina pessoal e familiar, na relação professor aluno, nas condições de sua existência, sobretudo na relação com o saber intelectual, mas também com o saber institucional, pois a instituição universitária tem exigências diferentes daquelas que caracterizam os estabelecimentos de ensino médio (COULON, 2008). A universidade requisita do estudante uma nova relação com o saber, uma nova postura epistêmica em termos de “vocabulário, de conceitualização, de hábitos de leitura e de escrita, de pensamento, enfim, de um conjunto de operações intelectuais que caracteriza o trabalho acadêmico” (COULON, 2008, p. 68). O estudante, portanto, que ingressa em uma universidade, é proveniente de uma educação básica nitidamente distinta do cotidiano do ensino superior. Coulon (2008) discute essa transição de cotidianos ressaltando as modificações que acompanham o estudante nessa passagem. Modificações importantes nas relações que o estudante mantém com o tempo, o espaço e o saber.

É notável como o tempo na universidade destoa do tempo no ensino médio. Administrar essa temporalidade é uma das exigências do ensino superior, e uma dificuldade dos estudantes. Situar-se no espaço, encontrar os ambientes com facilidade é uma prática corriqueira no ensino médio. A universidade, por outro lado, exige do estudante um tempo maior para familiaridade com a atmosfera do ensino superior. O ponto mais espetacular, segundo Coulon (2008, p. 35-36), reside na relação com o saber:

Quanto à relação com o saber, ela é totalmente modificada quando se entra na universidade, ou pela amplitude dos campos intelectuais abordados, ou em razão de uma maior necessidade de síntese ou ainda, por causa do laço que o ensino superior estabelece entre esses saberes e a atividade profissional futura.

Esse conjunto de mudanças que ocorrem com o estudante que ingressa na universidade, leva-o a experimentar, nos primeiros dias, dificuldades de compreensão do vocabulário universitário, de sua gramática e referências. Dificuldades de se adaptar às regras institucionais, ao ensino universitário, ao saber acadêmico, ao tempo, ao espaço, enfim, à dinâmica própria da universidade. Há um hiato que separa esse estudante dessas competências acadêmicas, pois estas são distintas das exigidas no ensino médio, por isso é inegável que há uma mudança na relação com o saber. Segundo Coulon (2008, p.231), somente depois da afiliação intelectual é que será possível ao novo estudante universitário “navegar com facilidade na organização, exposição e utilização adequada dos saberes”.

Segundo Charlot (2006), a experiência dos primeiros semestres é vivida como uma mudança brutal em relação ao ensino médio, como uma transformação nos processos de transmissão dos conhecimentos, na relação com o saber e na produção escolar. Assim, ainda segundo o autor, a dificuldade maior dos estudantes é estudar, ou melhor, “trabalhar”, de maneira autônoma. Trabalhar nesse contexto supõe responsabilidade com as tarefas, dominar suas ferramentas, identificar e aprender suas regras, a consagrar um tempo significativo a esse novo ofício.

Para Coulon (2008) a primeira tarefa do estudante ao ingressar na universidade é aprender o seu ofício, para não fracassar na trajetória acadêmica. “Aprender o ofício de estudante significa que é necessário aprender a se tornar um deles para não ser eliminado ou auto-eliminar-se porque se continuou como um estrangeiro nesse novo mundo” (COULON, 2008, p.31). Ser estudante universitário é, portanto, torna-se membro, afiliar-se à instituição. A origem social, a trajetória escolar, escolarização dos pais, são algumas variáveis que, embora não sejam determinantes, têm relação com os modos diferentes de viver a academia e de aprender o ofício de estudante, bem como com os diferentes tipos de relações estabelecidas pelos estudantes com o saber acadêmico.

Nessa configuração, o cenário acadêmico dos estudantes de medicina pesquisados da Faculdade AGES de Medicina é constituído marcadamente por 209 estudantes sendo 114 do primeiro período, 41 do segundo período, 37 do 3º período e 17 do quarto período. No momento atual, há na referida instituição 4 períodos do curso, em razão de ser um curso recentemente implantado. Do total de estudantes, 79% custeiam o curso por recursos próprios, 16% financiam parte dele pelo Financiamento Estudantil (FIES), por fim, 5% são bolsistas do ProUni.

No que se refere ao sexo, um novo cenário se instala. Se durante muitos anos o ensino superior esteve restrito aos homens, hoje a universidade é nitidamente marcada por um público feminino. Dos 209 estudantes, 67% corresponde ao sexo feminino e

33% ao sexo masculino. As mulheres têm saído mais de casa para trabalhar, tanto que “[...] a presença de mulheres na força de trabalho na América Latina vem aumentando de forma consistente e significativa nas últimas décadas” (CRUZ, 2005, p.69), e o mercado de trabalho continua exigindo, qualificação e escolarização mais elevada. “Dados mais recentes sobre o alunado das universidades brasileiras mostram que as mulheres já representam a maior fração entre os estudantes matriculados e concluintes. Em 2001, elas representavam 56,3% do total de matrículas (3.030.754) e 62,4% do total de concluintes no ensino universitário” (LETA, 2003, p.275).

Quanto a faixa etária, os estudantes pesquisados são, em sua grande maioria, jovens, tomando-se como referência etária o IBGE, do total de estudantes 83% são jovens: 16% são estudantes que têm entre 15 e 19 anos, 56% deles estão na faixa de 20 e 24 anos, e 11% encontram-se entre 25 a 29 anos. Embora tenhamos nessa amostra um quantitativo acentuado de jovens, no panorama nacional, em 2017 jovens na faixa etária de 15 e 29 anos, correspondendo a 23,0% (11,2 milhões) não trabalhavam nem estudavam ou se qualificavam, contra 21,9% em 2016. Notamos um crescimento de 5,9%, o que equivale a mais 619 mil pessoas nessa condição.

A juventude tem sido encarada como fase de vida marcada por uma certa instabilidade associada a determinados “problemas sociais”, por vezes definida como protagonista de uma crise de valores e de um conflito de gerações, nos anos 60. Outras vezes entendida como a fase dos “problemas” de emprego e de entrada na vida ativa (PAIS, 1990, *apud* SPOSITO, 1997). De todo modo, a juventude é um período da vida em que a questão de “vir a ser alguém” torna-se premente. Nesse sentido, para vir a ser alguém subjetiva e socialmente deve-se também saber e aprender. Assim, tornar-se universitário é, concomitantemente, entrar em novos espaços do saber e assumir uma nova identidade, novas relações com os outros e consigo mesmo (CHARLOT, 2006).

Dos estudantes pesquisados, 77% concluíram o ensino médio, 14% já tem um ensino superior completo, logo já fizeram uma graduação, 7% tem ensino superior incompleto e 3% não respondeu. Notamos, portanto, uma grande parcela de jovens que saíram das salas de aula do Ensino Médio e pisam pela primeira vez em solo universitário. Assim, ainda podem carregar a cultura de estudo típica da educação básica, as quais são distintas das relações com o saber e exigências de uma universidade.

No que se refere à etnia, 52% declaram-se pardos, 27% brancos, 10% amarelo, 8% negros, 3% não declararam. Notamos, que o cenário do ensino superior é ainda pouco frequentado por pessoas negras, as quais ainda sofrem por toda a negação educacional sofridas ao longo da história do Brasil. Segundo Freire (2001, p.63), o período compreendido entre 1534 a 1850 deixaram marcas nefastas, todo um sistema educacional esfacelado de aulas avulsas, fecundada pela ideologia da interdição do corpo, que excluía da escola o negro, o índio e quase totalidade das mulheres gerou um grande contingente de analfabetos. Superar toda essa herança é um desafio.

Outro aspecto a ser ressaltado é sobre a situação ocupacional dos estudantes que compuseram a amostra, do total 68% estão desempregados; 24% exerce profissão, desses 13% são autônomos e 11% desempenha uma função com carteira assinada (trabalho formal); 3% são empresários (empregador), apenas 5% não respondeu. Diante desse panorama, parece que estamos diante de estudantes universitários que em sua maioria exerce exclusivamente o ofício de estudante. Razão disso, seja a extensa carga horária de estudo que o curso demanda, bem como a condição socioeconômica familiar favorável para o custeio do curso.

Em relação à escola de educação básica, 66% disseram ter cursado em estabelecimentos privados de ensino, 32% em escolas públicas e 2% não respondeu. Esse cenário nos indica a possibilidade que a grande parte das famílias tiveram de viabilizar aos filhos o acesso a uma educação básica que possa ser considerada de qualidade e/ou que prepare a contento esses jovens para as exigências que caracterizam o ensino superior. E em sua maioria, 71% são procedentes do estado da Bahia.

No que se refere à classe social a qual pertencem, escolaridade dos pais, religião, bem como outros dados que caracterizam o perfil geral, ainda não há elementos, em razão de que documentos analisados não dispõem dessas informações. Essas e outras informações serão coletadas através dos instrumentos escolhidos, os quais serão usados para se dá prosseguimento à pesquisa e escrita da tese.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A entrada na universidade é um processo social e singular. Social, pois os acadêmicos ocupam uma posição social, e almejam posições mais vantajosas, marcadas por melhores empregos e condições econômicas. Singular, pois cada sujeito que investe seu tempo e seu dinheiro é mobilizado por desejos ímpares. Cada sujeito tem experiências e histórias particulares, vividas com a intensidade de quem é único.

Somo únicos, por isso somos muitos, e embora a unicidade possa nos caracterizar somos também sociais e capazes de grandes realizações, somos portador de uma inteligência (CRUZ, 2018) já nascemos obrigados à condição de aprender, assim a educação, no sentido mais geral do termo, não apenas tomando-a como processo formal, é uma experiência profundamente humana e universal, todos os homens se educam, e só eles o fazem. A educação é um fenômeno do qual ninguém escapa, seja no trabalho, na escola, em casa, na rua, na igreja, todos nós envolvemos pedaços de vida com ela. “Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação” (SILVA, 2003 p.77).

Sobre sujeitos envolvidos com a educação é que fala esta pesquisa, sujeitos que para além de aprender, envolvem-se com outras vidas em processos de saúde

e doença, em situações que beiram a vida e a morte, os quais quando formados são vistos pela sociedade como aqueles que trarão a cura para as nossas enfermidades, esses são os estudantes de Medicina.

Esta pesquisa, portanto, propôs-se a apresentar os resultados obtidos a partir da análise dos documentos preenchidos pelos estudantes no ato da matrícula, os quais fazem parte de uma pesquisa de Doutorado em Educação ainda em andamento que tem por objetivo analisar a relação com o saber dos estudantes de medicina da Faculdade AGES de Medicina na cidade de Jacobina (BA).

O panorama sobre o perfil geral dos 209 estudantes que compõem a totalidade dos estudantes hoje matriculados na instituição evidencia um público composto por sujeitos em sua maioria, jovens, do sexo feminino, provenientes de estratos sociais mais privilegiados, educação básica preponderantemente privada, cuja experiência escolar de estudos superiores é um destino cotidiano.

REFERÊNCIAS

BAQUERO, Marcello; GONÇALVES, Maria Augusta S.; BAQUERO, Rute V. A. Reflexões sobre a pesquisa nas ciências Humanas. **Barbarói**. Santa Cruz do Sul, n.2, p.17-32, mar.95.

BUENO, Enilda Rodrigues de Almeida. Fenomenologia: a volta às coisas mesmas. In: PEIXOTO, A. J. **Interações entre fenomenologia e educação**. Campinas: Alínea, 2003.

CHARLOT, Bernard. As novas relações com o saber na universidade contemporânea. In: NASCIMENTO, Jorge Carvalho do (dir) **Ensino Superior, Educação Escolar e Práticas Educativas Extra-Escolares**. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 2006, p. 11-31.

_____. **Da relação com o saber às práticas educativas**. 1.ed. São Paulo: Cortez, 2013.

_____. **Da relação com o saber: elementos para uma teoria**. Tradução de Bruno Magne. Porto Alegre: Artmed, 2000.

_____. **Relação com o saber, formação dos professores e globalização: questões para a educação hoje**. Tradução de Sandra Loguercio. Porto Alegre: Artmed, 2005.

COULON, Alain. **A condição de estudante: a entrada na vida universitária**. Tradução de: Georgina Gonçalves dos Santos, Sônia Maria Rocha Sampaio. Salvador: EDUFBA, 2008.

CRUZ, C. S. **Caridade sem limites. Ciência sem privilégios: o ensino universal de Jacotot por Benoît Mure no Brasil (1840-1848)**. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, 2018. Disponível em: https://www.sigaa.ufs.br/sigaa/public/programa/defesas.jsf?lc=pt_BR&id=136. Acessado em 04 de março de 2019.

CRUZ, Maria Helena Santana. Matrizes nos estudos sobre gênero e trabalho. In: **Trabalho, Gênero e Cidadania: Tradição, Modernidade**. Aracaju: Editora UFS, 2005.

FREIRE, Ana Maria Araújo. **Analfabetismo no Brasil: da ideologia da interdição do corpo à ideologia nacionalista, ou de como deixar sem ler e escrever desde as Catarinas (Paraguaçu), Filipinas, Madalenas, Anas, Genebras, Apolônias e Grácias até os Severinos**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

GONZALEZ, Rita Francis; BRANCO, Rodrigues. O diálogo entre a fenomenologia e a medicina: uma

possibilidade na educação médica. In PEIXOTO, A. J. **Interações entre fenomenologia e educação**. Campinas: Alínea, 2003.

HUSSERL, E. **A Ideia da Fenomenologia**. Trad. Artur Morão. Lisboa, Port.: Edições 70, 2014.

LETA, Jacqueline. As mulheres na ciência brasileira: crescimento, contrastes e um perfil de sucesso. **Estudos Avançados**. Vol.17 n° 49, p.271-284, Setembro-Dezembro, 2003.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 4.ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

SPOSITO, Marília Pontes. Estudos sobre juventude em educação. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo, n.5 p. 37-52, mai.-ago. 1997.

SOBRE A ORGANIZADORA

Solange Aparecida de Souza Monteiro - Doutoranda em Educação Escolar. Mestra em Processos de Ensino, Gestão e Inovação pela Universidade de Araraquara - UNIARA (2018). Possui graduação em Pedagogia pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupungá (1989). Possui Especialização em Metodologia do Ensino pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupungá (1992). Trabalha como pedagoga do Instituto Federal de São Paulo (IFSP/Câmpus Araraquara-SP). Participa dos núcleos: - Núcleo de Gêneros e Sexualidade do IFSP (NUGS); -Núcleo de Apoio as Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE), Membro da Equipe de Formação Continuada de Professores. Desenvolve sua pesquisa acadêmica na área de Educação, História da Educação Sexual, Sexualidade e em História e Cultura Africana, Afro-brasileira e Indígena e/ou Relações Étnico-raciais. Participa do Grupo de pesquisa - GESTELD - Grupo de Estudos em Educação, Sexualidade, Tecnologias, Linguagens e Discursos. Membro desde 2018 do Grupo de pesquisa “Núcleo de Estudos da Sexualidade - NUSEX”.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Ações formativas 54, 55, 56, 59, 60

Active learning methodologies 41

Água 6, 34, 37, 38, 110, 113, 131, 132, 133, 134, 136, 181

Aprendizagem 1, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 29, 33, 36, 38, 54, 55, 57, 59, 61, 73, 74, 77, 84, 85, 87, 88, 89, 90, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 101, 102, 103, 104, 105, 110, 111, 112, 113, 114, 128, 129, 131, 136, 137, 138, 140, 151, 152, 153, 155, 156, 157, 158, 161, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 186

Aprendizagem colaborativa 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175

Avaliação 19, 21, 22, 23, 28, 29, 30, 58, 71, 85, 96, 98, 99, 100, 101, 102, 130, 137, 152, 153, 154, 156, 168

C

Cidadania ambiental 27

Ciência cidadã 27, 28, 33

Ciências 1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 13, 14, 18, 19, 20, 22, 24, 25, 26, 29, 33, 60, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 88, 95, 106, 119, 123, 127, 136, 138, 149, 162, 178, 181, 187

Classroom 41, 43, 44, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 62, 103, 132, 158, 177

Competência 36, 60, 97, 98, 124, 125, 127, 129, 137

Comunidade 3, 27, 28, 64, 117, 133, 151, 152, 153, 156, 162, 168, 170, 172

Conceitos em ciências 18

Conhecimento científico 1, 3, 4, 5, 6, 7, 29, 73, 178, 179, 181, 185, 186

Crianças 27, 30, 31, 32, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 104

Criatividade 4, 5, 6, 32, 87, 88, 94, 96, 97, 104, 156, 168, 178, 180

Curso superior de tecnologia 124

D

Design thinking 41, 42, 52

Diversidade 7, 19, 62, 63, 66, 67, 69, 70, 71, 72, 158, 160, 163, 165

Docentes 7, 12, 19, 23, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 62, 70, 128, 129, 132, 168, 172, 175

Dualismo 9, 14, 115, 116, 118, 119

E

Educação humanizadora 178, 185

Educação matemática 36, 105

Educação profissional 9, 10, 11, 13, 17, 115, 120, 130

Ensino aprendizagem 21, 54

Ensino-aprendizagem 4, 55, 114, 129, 152, 155, 170

Ensino de história 9, 10, 11, 12, 15, 17

Ensino de química 2

Ensino do canto 73, 79, 80, 81, 82

Ensino médio integrado 11, 115, 116, 120

Ensino superior privado 139

Estratégias 18, 20, 22, 23, 24, 25, 30, 34, 36, 39, 55, 59, 73, 74, 82, 95, 138, 151, 154, 156, 157, 171, 172, 174, 175

Estratégias de ensino 18, 20, 23, 24, 25, 59, 157

Estudante de medicina 144

Experimentação 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 33

F

FATEC-SP 124, 126, 128, 129, 130

Ferramentas digitais 166, 167, 168, 169, 170, 171, 173, 174, 175

Função afim 34, 35

G

Gênero textual 96, 99, 101

H

História em quadrinhos digital 84

I

Inclusão 62, 63, 64, 67, 68, 69, 70, 71, 88, 102, 125, 129, 130, 158, 159, 160, 163, 164, 165, 166, 168

Investigação 1, 3, 5, 21, 30, 56, 61, 84, 89, 90, 92, 95, 139, 141, 163, 164, 167, 181, 182

L

Livros didáticos 29, 62, 63, 64, 65, 67, 70, 71, 85

M

Mapa conceitual 96, 99, 153

Matemática 5, 14, 29, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 84, 85, 88, 89, 90, 92, 94, 95, 103, 104, 105, 112, 113, 114, 127, 129, 157, 158, 159, 161, 162, 163, 164, 165

Metodologia 3, 18, 21, 22, 52, 57, 58, 59, 62, 65, 70, 86, 89, 99, 102, 105, 113, 124, 129, 130, 131, 152, 156, 163, 165, 168, 173, 178, 187

Metodologias ativas 36, 52, 54, 55, 56, 60, 61, 128, 129, 130, 151, 152, 155, 156

Modelagem matemática 103, 104, 105, 112, 113

N

Nutrição 34, 36, 37, 38, 39, 58

O

O jogo 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 154

P

PIBIC 84, 85, 89

Politecnia 9, 10, 13, 14, 16, 17, 115, 116, 120, 121, 122, 123

Prática de ensino 26, 131, 132, 133

Prática docente 25, 34, 54

R

Relação com o saber 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 149

S

Sala de recursos multifuncional 159, 162, 163

Sustentabilidade ambiental 103

T

TCC 84, 85, 95

Tecnólogo 124, 125, 129

Trabalho voluntário 27, 28, 30, 33

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-7247-810-6



9 788572 478106